

VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica
Volume 19 | Número 2 | Julho – Dezembro 2025
ISSN 1981-5875
ISSN (online) 2316-9699

**CASA ROSADA: A PERSISTÊNCIA DE UM PATRIMÔNIO NA HISTÓRIA DA
AMAZÔNIA BELENENSE**

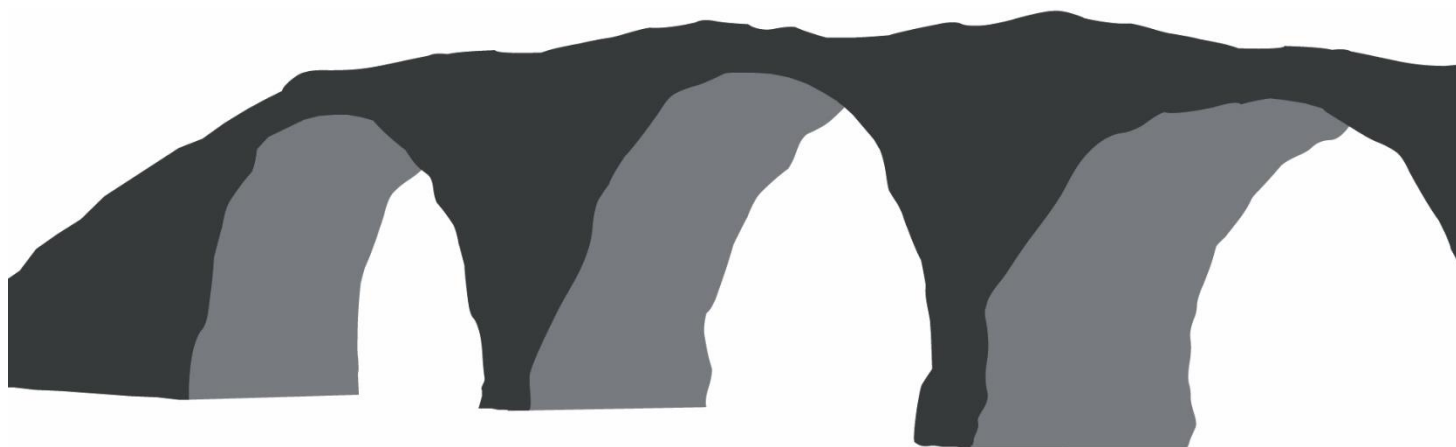
**CASA ROSADA: LA PERSISTENCIA DE UN PATRIMONIO EN LA HISTORIA
DE LA AMAZONÍA BELENENSE**

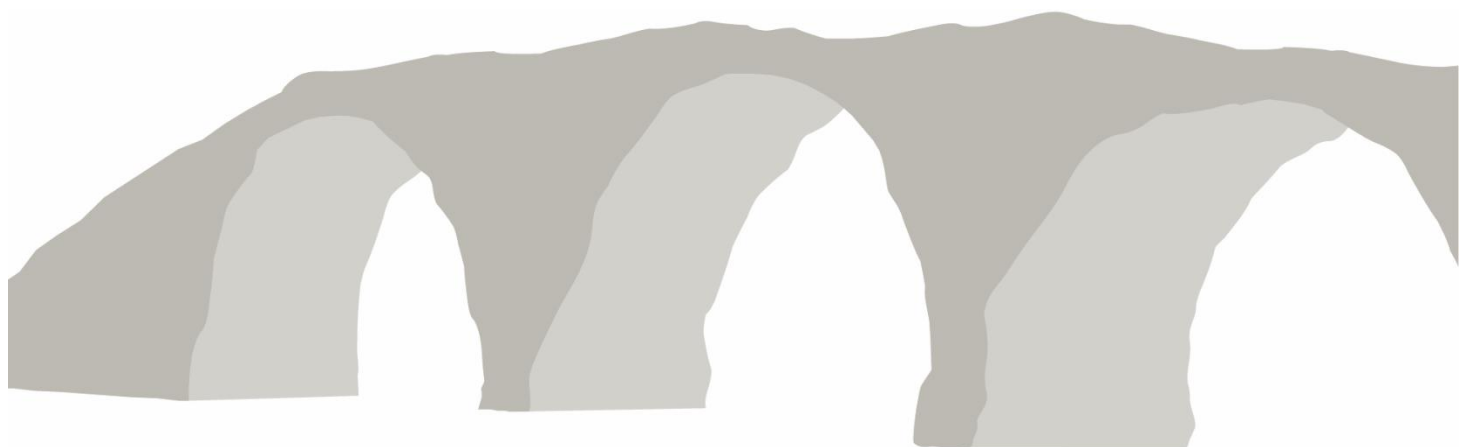
**CASA ROSADA: THE PERSISTENCE OF A HERITAGE IN THE HISTORY OF
THE AMAZON BELENENSE**

Aguinaldo de Jesus Moraes Marques

Brenda Bandeira de Azevedo

Amanda Carolina de Sousa Seabra





Submetido em 11/11/2024.

Revisado em: 19/05/2025.

Aceito em: 23/05/2025.

Publicado em 30/07/2025.

CASA ROSADA: A PERSISTÊNCIA DE UM PATRIMÔNIO NA HISTÓRIA DA AMAZÔNIA BELENENSE

CASA ROSADA: LA PERSISTENCIA DE UN PATRIMONIO EN LA HISTORIA DE LA AMAZONÍA BELENENSE

CASA ROSADA: THE PERSISTENCE OF A HERITAGE IN THE HISTORY OF THE AMAZON BELENENSE

Aguinaldo de Jesus Moraes Marques¹

Brenda Bandeira de Azevedo²

Amanda Carolina de Sousa Seabra³

RESUMO

A Casa Rosada, localizada na Rua Siqueira Mendes, Belém-PA, é um exemplo significativo de patrimônio histórico e cultural, refletindo o desenvolvimento urbano da cidade desde sua fundação em 1616. Este artigo investiga a história e a resistência desta construção ao longo dos séculos, destacando seu papel na formação da identidade urbana de Belém. O objetivo é compreender como a Casa Rosada perdurou e se transformou, considerando sua função social e arquitetônica. A metodologia empregada se caracterizou por ser interdisciplinar, pois inclui pesquisa documental em arquivos históricos, análise de mapas antigos e resultado de prospecção arqueológica realizada anteriormente. A investigação documental envolveu a consulta a novas documentações referente a jornais antigos e de bibliografias. Os resultados indicam que a Casa Rosada, construída possivelmente no século XVII, passou por diversas modificações estruturais e funcionais, servindo tanto como residência quanto como espaço comercial e possivelmente sede de instituições públicas. A prospecção arqueológica revelou camadas de ocupação que refletem a presença indígena pré-colonial e mudanças socioeconômicas subsequentes. Este estudo contribui para a compreensão da dinâmica entre patrimônio e cidade, evidenciando a importância da Casa Rosada como um símbolo da continuidade histórica e cultural de Belém.

Palavras-chave: Patrimônio histórico, Arqueologia urbana, Desenvolvimento urbano.

¹ Arqueólogo, graduado em História - Universidade do Estado do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Mestre em Antropologia - Universidade do Estado do Pará, Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Doutorando em Ciências Ambientais – Universidade do Estado do Pará, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Belém, Brasil. E-mail: aguinaldoj2m@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-8637-2564>.

² Arqueóloga, graduada em Ciências Sociais - Universidade do Estado do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH/UFPA), Mestre em Antropologia - Universidade do Estado do Pará, Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Doutoranda em Antropologia - Universidade do Estado do Pará, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Belém, Brasil. E-mail: brendabandeira20@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-9967-1296>.

³ Arqueóloga, graduada em Arqueologia - FURG, Mestre em Antropologia e Doutoranda em Estratégias Científicas Interdisciplinares em Patrimônio y Paisaje - Universidad del País Vasco, Vitória Gasteiz, Espanha. E-mail: amanda_seabra@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3911-6484>.

RESUMEN

La Casa Rosada, ubicada en la calle Siqueira Mendes, Belém-PA, es un importante ejemplo de patrimonio histórico y cultural, que refleja el desarrollo urbano de la ciudad desde su fundación en 1616. Este artículo investiga la historia y la resistencia de este edificio a lo largo de los siglos, destacando su papel en la formación de la identidad urbana de Belém. El objetivo es comprender cómo la Casa Rosada perduró y se transformó, considerando su función social y arquitectónica. La metodología utilizada se caracterizó por ser interdisciplinaria, ya que incluye la investigación documental en archivos históricos, el análisis de mapas antiguos y los resultados de prospecciones arqueológicas realizadas previamente. La investigación documental implicó la consulta de documentación nueva referente a periódicos antiguos y bibliografías. Los resultados indican que la Casa Rosada, posiblemente construida en el siglo XVII, sufrió varias modificaciones estructurales y funcionales, sirviendo tanto como residencia como espacio comercial y posiblemente sede de instituciones públicas. La prospección arqueológica ha revelado capas de ocupación que reflejan la presencia indígena precolonial y los cambios socioeconómicos posteriores. Este estudio contribuye a comprender la dinámica entre patrimonio y ciudad, destacando la importancia de la Casa Rosada como símbolo de la continuidad histórica y cultural de Belém.

Palabras clave: Patrimonio histórico, Arqueología urbana, Desarrollo urbano.

ABSTRACT

The Casa Rosada, located on Siqueira Mendes Street, Belém-PA, is a significant example of historical and cultural heritage, reflecting the urban development of the city since its foundation in 1616. This article investigates the history and resistance of this building over the centuries, highlighting its role in the formation of the urban identity of Belém. The objective is to understand how the Casa Rosada endured and transformed, considering its social and architectural function. The methodology used was characterized by being interdisciplinary, as it includes documentary research in historical archives, analysis of old maps and the results of previously carried out archaeological surveys. The documentary investigation involved consulting new documentation related to old newspapers and bibliographies. The results indicate that the Casa Rosada, possibly built in the 17th century, underwent several structural and functional modifications, serving both as a residence and as a commercial space and possibly as the headquarters of public institutions. The archaeological survey revealed layers of occupation that reflect the pre-colonial indigenous presence and subsequent socioeconomic changes. This study contributes to the understanding of the dynamics between heritage and the city, highlighting the importance of Casa Rosada as a symbol of the historical and cultural continuity of Belém.

Keywords: Historical heritage, Urban archaeology, Urban development.

INTRODUÇÃO

O PATRIMÔNIO CONSTRÓI A CIDADE E A CIDADE CONSTRÓI O PATRIMÔNIO

O patrimônio pode ser um dos motores do desenvolvimento urbano, revitalizando áreas degradadas e atraindo turistas e negócios para a economia local. Várias cidades em todo o mundo já utilizam ativos patrimoniais para reabilitar áreas urbanas degradadas, ajudando a atrair investimentos e melhorar a qualidade de vida dos habitantes.

A cidade também constrói o patrimônio por meio do processo de patrimonialização, ou seja, a identificação e a transformação de elementos do ambiente urbano em patrimônio cultural. Em grande parte dos casos, o processo é conduzido por movimentos sociais, governos e intervenções acadêmicas que identificam elementos ou práticas urbanas como detentoras de valor histórico, cultural ou estético.

A patrimonialização é um processo dinâmico que pode variar ao longo do tempo. A cidade, enquanto espaço vivo e dinâmico, constrói seu patrimônio através da produção social do espaço. Conforme argumentado por Henri Lefebvre (1974), o espaço urbano é produzido e reproduzido pelas práticas sociais cotidianas. Edifícios, praças e ruas se tornam patrimônios não apenas por sua arquitetura ou antiguidade, mas também por seu uso e significado social.

A concepção da cidade enquanto um texto que pode ser “lido”, em que diferentes camadas de significado são inscritas ao longo do tempo, parece estar no centro da relação entre patrimônio e cidade. De acordo com Kevin Andrew Lynch (1960), a imagem da cidade é formada pela combinação de elementos físicos e simbólicos que permitem que os cidadãos naveguem e compreendam o espaço urbano. O patrimônio desempenha um papel crucial na criação de um campo simbólico visual: as referências históricas servem como marcadores fixos de identidade, guiam e orientam a leitura e interpretação da cidade, isto é, a cidade é um espaço vivo e em constante mudança. Nesse sentido, o patrimônio é dinâmico também e está em um diálogo contínuo com novas formas de usos, mudanças socioeconômicas e tecnológicas. É graças a essa interação que a cidade pode renovar e readaptar-se ao longo do tempo.

Para fazer a análise utilizamos três conceitos que atuam nesse campo: espaço, paisagem e lugar todos recebem e fazem alterações no cotidiano urbano. O primeiro é o de espaço social teorizado por Henri Lefebvre (2000). Este autor argumenta que o espaço não é apenas um cenário passivo para a ação humana, mas é produzido e reproduzido por essas ações, sendo ao mesmo tempo um produto social é um fator que influencia as interações sociais.

Junto a este conceito, também pode ser incluído o entendimento sobre paisagem a partir do ponto de vista da arqueologia. Seguindo a mesma linha de raciocínio de Henri Lefebvre, a paisagem dentro desta ciência é um artefato arqueológico, pois ela é criada, transformada por e para os seres humanos a partir da relação entre homem e natureza, como também a relação entre os humanos. Além disso, ela é capaz de influenciar no comportamento e ações dos seres humanos. De acordo com o arqueólogo Felipe Criado-Boado (2016, pp. 3-4):

“A paisagem é uma construção, como é uma casa ou uma estrada. É uma construção que estende sobre o espaço os limites de nossas casas e construções parciais. É como uma casa extensa. Quando colocamos as pessoas sobre o solo, e começamos a fazer coisas o (inclusive ainda que não modifiquem o terreno) a

pensar e entender, a colocar nome nos espaços, a colocar criaturas míticas que habitam as rochas, as montanhas, as fontes, as florestas, os caminhos, é quando surge a paisagem. Por isso, a paisagem é um produto humano, um produto que fala perfeitamente das características de uma sociedade. Diga como vives e do que (és agricultor, caçador, minerador ou industrial?) e te direi como é a paisagem que fazes.”⁴ (tradução livre).

Para Michel de Certeau (1998, p. 201), lugar “é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência (...). Implica uma indicação de estabilidade.” Assim, a partir destes três conceitos, é possível perceber que a ocupação de um espaço e o surgimento de lugares e paisagem não ocorre de forma aleatória ou simplesmente da interação homem e natureza. São construções que impactam a dinâmica social de uma cidade e sociedade.

Outro conceito importante é o de memória coletiva, conforme discutido por Maurice Halbwachs (1950). A memória coletiva se refere à maneira como grupos sociais lembram do passado e constroem identidades coletivas por meio desta lembrança. Na arqueologia urbana, a memória coletiva pode ser vista nas camadas de ocupação e no ciclo de vida dos vestígios materiais que as populações urbanas deixaram embaixo e sob o solo. Para isto, também recorreremos ao site da Hemeroteca Nacional como nova fonte de dados que possam dar complemento a essa memória e ao levantamento desta pesquisa. Foram consultados os jornais do estado do Pará até o ano de 1899 para verificar possíveis informações relevantes sobre o sobrado no decorrer do tempo.

A arqueologia social urbana se preocupa em entender como diferentes grupos sociais e os artefatos provocam agências, negociam, resistem e transformam esses lugares entre si. Escavações em contextos urbanos apresentam desafios únicos devido à densidade de ocupação e à complexidade das camadas estratigráficas. No entanto, esses desafios também oferecem oportunidades para revelar aspectos sutis da vida cotidiana que podem não ser evidentes em outras formas de registro histórico. A análise de artefatos, como cerâmicas, restos alimentares, e construções, permite uma compreensão detalhada dos hábitos de consumo, das práticas de vida e das condições socioeconômicas das populações urbanas.

NOSSA SENHORA DE BELÉM DO GRÃO PARÁ: UM FORTE, UMA RUA E... UM SOBRADO

A fundação de Belém, em 1616, ocorreu num momento de acirrada competição entre as potências europeias pela posse das terras do Novo Mundo. Os portugueses, em particular, foram alvo de invasões de outras nações, como os franceses, que já haviam tentado estabelecer colônias no território amazônico. A presença destes grupos era uma ameaça direta à hegemonia portuguesa na região. Consequentemente, o Império Português decidiu consolidar a sua presença no norte do Brasil, estabelecendo uma cidade para servir como centro de defesa e centro de expansão colonial na Amazônia (Ferreira, 1977; Mello, 2002; Bomfim, 2006).

⁴ “El paisaje es una construcción, como lo es una casa o una carretera. Es una construcción que extiende sobre el espacio los límites de nuestras casas y construcciones parciales. Es como una casa extensa. Cuando ponemos a gente sobre el suelo, y empiezan a hacer cosas o (incluso aunque no modifiquen el terreno) a pensarlo y entenderlo, a poner nombres a los sitios, a colocar criaturas míticas que habitan las rocas, las montañas, las fuentes, los bosques, los caminos, es cuando surge el paisaje. Por eso el paisaje es un producto humano, un producto que habla perfectamente de las características de cada sociedad. Di cómo vives y de qué (¿eres agricultora, cazadora, minera, industrial?), y te diré cómo es el paisaje que haces.”

A expedição, liderada por Francisco Caldeira Castelo Branco, partiu de São Luís do Maranhão com o objetivo expresso de estabelecer uma fortaleza para o domínio português às margens do rio Amazonas. Chegando à baía do Guajará, em 12 de janeiro de 1616, os colonos construíram o Forte do Presépio com auxílio dos indígenas, primeira estrutura que deu origem à vila de Belém:

foi tal a fortuna de Caldeira que que não só lhe ofereçam paz como ajuda para a construção do forte. Sem perda de tempo e ajudado por um enorme número de índios, levantou terra para fortificar-se e tal a azáfama empreendida que dentro de poucos dias estava erguida a fortaleza (Berredo 198-, pp. 407-408 apud. Saragoça, 2000, p.20).

A localização estratégica do forte lhes permitiu controlar os cursos de água da região e defender-se contra possíveis invasores estrangeiros. Este evento marcou o início da ocupação portuguesa da Amazônia (Ferreira, 1977; Mello, 2002; Bomfim, 2006).

Com a fundação de Nossa Senhora de Belém do Grão-Pará (atualmente conhecida como Belém, capital do estado do Pará), foi construída sob as ordens de Francisco Caldeira Castelo Branco além de uma fortaleza a beira da Baía do Guajará o primeiro núcleo urbano hoje conhecido como Complexo Feliz Lusitânia, composto por duas igrejas, um largo e uma casa das armas (Coelho, 2014) ainda no século XVII, acompanhando a margem do rio, foi delineada a primeira rua da cidade, conhecida como Rua do Norte (atual rua Siqueira Mendes). Seu limite terminava no início da floresta (Valente, 1993; Cruz, 2013).

Os parágrafos anteriores contextualizam parte da história de grande importância na formação da cidade de Belém. Durante o processo de colonização, estes espaços foram desenhados e redesenhados, assim como novas ruas e caminhos abertos com a expansão urbana, o espaço como Feliz Lusitânia, o Forte do Presépio, bem como os prédios construídos na rua Siqueira Mendes, os quais pertencem a um complexo tombado pelo município como pertencente ao centro histórico de Belém e pela união como pertencente ao conjunto arquitetônico e paisagístico da Praça Frei Caetano Brandão (IPHAN, 1995).

Este lugar em questão, localizado no bairro da Cidade Velha atualmente, foi escolhido inicialmente pela sua posição geográfica favorável à visualização de possíveis invasores. A porção de terra onde se encontra o Forte do Presépio é uma área de terra firme, um pouco mais elevada que os seus arredores. A partir de 1616, este espaço teve um papel fundamental, a criação de dois bairros chamados Cidade (atual Cidade Velha) e Campina, divididos por um igarapé que se iniciava na Baía de Guajará e alimentava o Piri, um mangue que cobria um extenso território por trás da edificação do Forte, cobrindo uma extensa área hoje aterrada (Saragoça, 2000).

O processo de construção dos primeiros espaços urbanos foi conturbado. Inicialmente havia populações indígenas vivendo nesta área, as quais foram subjugadas pelos portugueses. Registros históricos indicam que:

(As terras de Belém) “São capazes de grandes pavações par serem terras larguissimas, e de muitos Indios, que quando foi povoada de Portugueses avia mais de 600 povoações e Indios Tampinambás e Tapuias, que vendo que eram pouco as Portugueses, se levantaram contra eles, matarão duzentos e vinte e dois, sendo seu Capitão mor Francisco Caldeira de Castello Branco; mas as que ficaram com muito

valor, em que com muito trabalho, deram grandes guerras aos Índios, e destruíram a nação Tapinambá, que dominava sobre a outra nação Tapuia.” (Heriarte, 1662, p. 26).

A partir da citação acima, podemos inferir que o crescimento urbano de Belém ocorreu desconsiderando a ocupação indígena local, gerando violência e resistência. Entre os anos de 1616 e 1661, já contava com seis ruas e 8 igrejas. Além disso, nos primeiros mapas podemos ver que estas ruas foram planejadas para ser uma área residencial ordenada, onde as casas, igrejas e praças (largos) já seguiam um padrão europeu de ordenamento urbano em que há uma diferenciação social da elite que morava ao centro próximo às igrejas e os moradores mais afastados, neste caso, indígenas (Figura 1) (Meira Filho, 2015).

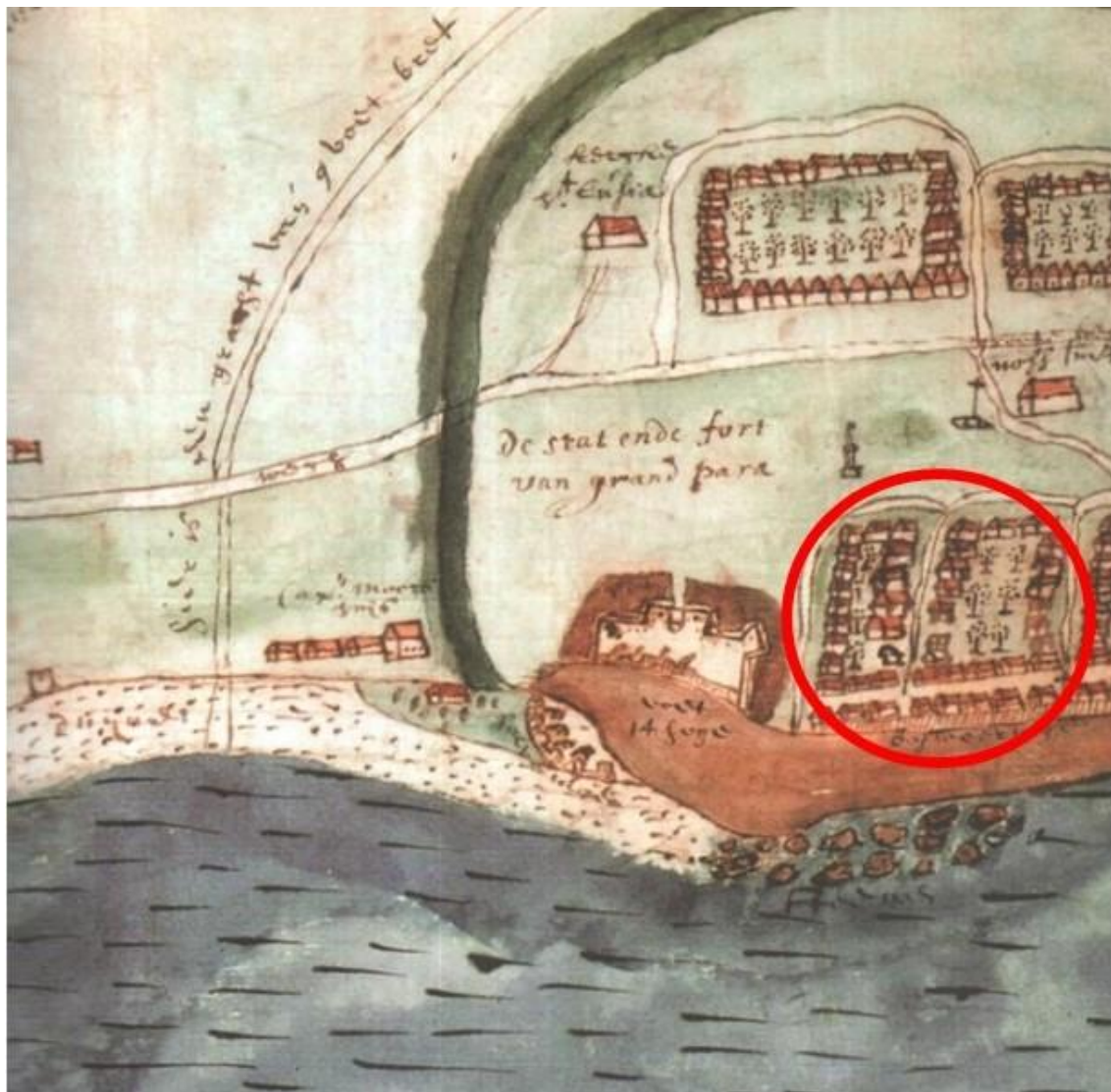


Figura 1. Desenho de Belém datado de 1640, localizado no acervo do Arquivo Nacional de Haia, representando parcialmente as primeiras edificações de Belém no século XVII. Fonte: Reis (2000 apud Meira Filho, 2015, p. 156).

Na primeira rua, conhecida como Rua do Norte e que posteriormente teria outros nomes: antiga Travessa da Rosa; da Residência; da Vigia e atualmente Siqueira Mendes, um sobrado resiste ao tempo e chama a atenção de quem passa, trata-se da atualmente conhecida Casa Rosada, edifício de dois pavimentos, que é caracterizada

(além de sua cor) por traços arquitetônicos associados ao arquiteto italiano Giuseppe Antônio Landi⁵ (Mendonça, 2003), sem datação exata de sua construção. Apesar disto, observamos na figura 1 que casas já estariam posicionadas nesta localidade desde pelo menos 1640 (destacado por círculo vermelho), nos levando a crer que ela foi uma das primeiras edificações de Belém.

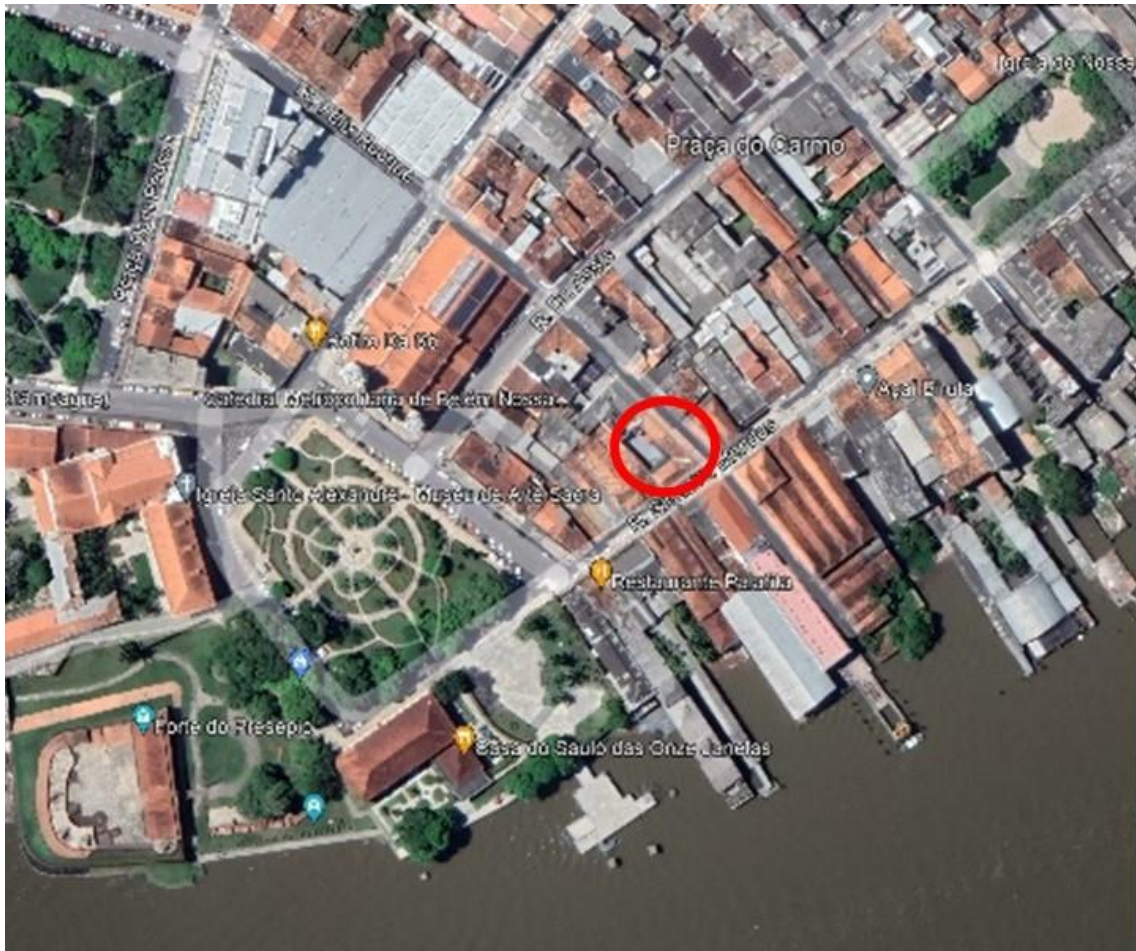


Figura 2. Localização em vermelho da Casa Rosada. Fonte: imagem retirada pelo Google Earth.

O prédio possui tombamento desde a década de 90 em nível municipal e federal. No ano de 2008, houve uma restauração em sua estrutura física a pedido da atual empresa proprietária, ALUBAR. O processo se deu em parceria da UFPA através do FORUM Landi e do Museu Paraense Emílio Goeldi representado pelo arqueólogo Dr. Fernando Marques. A partir desta iniciativa, houve a restauração arquitetônica do prédio e

⁵ Giuseppe Antônio Landi nasceu em Bolonha, Itália, em 1713. Formado em arquitetura, Landi foi influenciado pelo estilo barroco, dominante na Europa no século XVIII. Chegou ao Brasil em 1753 no âmbito de uma missão de arte e arquitetura promovida pelo Marquês de Pombal, que visava modernizar e fortalecer as colônias portuguesas. Landi adicionou detalhes decorativos e estruturais que reforçaram o caráter barroco da igreja, ao mesmo tempo em que introduziu elementos que se adaptam melhor ao clima quente e úmido da região. Outro projeto emblemático de Landi foi o Palácio dos Governadores, que hoje abriga o Museu de Arte Sacra. Construído em estilo neoclássico, o palácio é um exemplo de como Landi conseguiu harmonizar as influências europeias com as necessidades funcionais de uma residência oficial na Amazônia. O uso de grandes janelas e pátios internos ajudava a promover a ventilação natural, essencial em uma região de clima tropical. A obra de Landi não apenas deixou marcas físicas na cidade de Belém, mas também influenciou uma geração de arquitetos locais. Ele é considerado um precursor de uma escola arquitetônica que mesclava influências europeias com as realidades climáticas e culturais da Amazônia. Essa escola, por sua vez, influenciou a arquitetura em outras regiões do Brasil, contribuindo para a formação de uma identidade arquitetônica brasileira mais coesa (Silveira, 2018).

prospecção da área interna do sobrado, resultando na coleta de 1.395 materiais arqueológicos. Os materiais se distribuem entre: material construtivo, vidro, metais, material orgânico, faianças, faianças finas, caulim, grés, porcelana, cerâmica não torneada (possivelmente indígena pré-colonial) e cerâmica torneada. Atualmente estão sob a guarda do Museu Emílio Goeldi (Marques, 2008).

A Casa Rosada em sua estrutura atual (Figura 2), não possui registros que permitam identificar a datação, contexto de sua construção ou proprietário(a), o que dificulta a definição de sua finalidade e seus usos, nos mapas que registram a esquina do sobrado há variações de tamanho total da propriedade o que pode indicar que a configuração se modificou algumas vezes, possivelmente seguindo a sua função ao longo do tempo. Além disto, em registro de plantas da cidade é possível inferir sobre a ocupação do prédio em decorrência da disposição e formato em “L”, presente em plantas da cidade de Belém pelo menos desde 1753 (Alves, 2008).

Apesar da ausência de registro, outros indicadores foram sugeridos acerca do proprietário. Isabel Mendonça (2003) em sua tese de doutorado publicada em forma de livro *“Antônio José Landi (1713/1791): um artista entre dois continentes”* associa os traços arquitetônicos ao Antônio Landi⁶:

O edifício, de dois pisos, é rasgado no térreo, por janelas e portas com molduras que se prolongam até ao apoio do balcão das portas-janelas do piso superior. Estas apresentam molduras elaboradas, embora com um tratamento algo fruste. O portal principal, que se abre no eixo da fachada virada para a Rua Siqueira Mendes, é ladeado por pilastras rusticadas que se interrompem na secção inferior. Os alçados, enquadrados por cunhais apilastrados e percorridos por cimalha moldurada, não mostram a compartimentação de pilastras, características dos sobrados atribuídos a Landi. (Mendonça, 2003, p. 540).

Em seu livro, Mendonça dedica duas páginas a Casa Rosada, nas quais observa que há um monograma (figura 3) no *“gradil que se sobrepõe ao portal identifica o primeiro proprietário do sobrado, pelas iniciais entrelaçadas que centram a composição, “MJSC” – ou seja, Mateus José Simões de Carvalho, capitão engenheiro activo no Pará na transição do século”* (Mendonça, 2003, p. 540).

Mateus José Simões de Carvalho, segundo a autora, foi um militar que participou da Junta Extraordinária de 1795 que objetivava a defesa do Estado de possíveis invasões. Embora a autora tenha indicado o nome, não há documentos que comprovem efetivamente esta afirmação.

Seguindo a indicação de Mendonça sobre o possível proprietário, a historiadora Moema Alves (2008) em sua monografia de especialização buscou nos documentos do Arquivo Histórico Ultramarino, encontrando o registro de José Simões de Carvalho, neste caso com ausência do primeiro nome Matheus conforme Mendonça havia indicado:

No entanto, ao tentar seguir sua trilha na tentativa de encontrar alguma relação com a casa e partindo da informação da própria historiadora, de que seria um “capitão engenheiro activo no Pará na transição do século”, encontrei na verdade José Simões de Carvalho, um português que veio como geógrafo para as Demarcações em 1780. Fazendo uma pequena apresentação deste personagem, José Simões era diplomado em Matemática pela Universidade de Coimbra, em 1784 ganhou patente de Capitão Engenheiro e em 1787 de Sargento Mor de Infantaria com exercício de engenheiro. (Alves, 2008, p. 38).

⁶ Em Belém, existem duas classificações: obras realizadas por Landi (com referências e documentações que comprovam) e obras associadas a ele (tendo apenas a indicação de sua autoria) por especialistas.



Figura 3. Monograma no gradil da Casa Rosada. Fonte: autores e Painéis da Exposição na Casa Rosada (2011).

É possível que Mendonça tenha se confundido com o nome, sendo o encontrado por Alves o correto; porém, não corresponderia ao monograma (MJSC). Outro problema seria em decorrência de não haver qualquer registro ou ligação entre o indivíduo ou indivíduos sugeridos com o sobrado. Posteriormente, a discussão sobre o monograma é retomada a partir da dissertação do arquiteto José Morgado Neto (2013):

As iniciais do monograma lida na sequência *MJCS* coincidem com as iniciais de Miguel José Correia da Silva, nome de registro que D. Frei Miguel de Bulhões e Sousa (1706-1779) recebeu de seus pais. Residindo durante onze anos na cidade do Pará houve tempo suficiente para erigir uma edificação que representasse à altura a dignificação do seu cargo, tal qual se deu na sua entrada solene celebrada na cerimônia referida. (Morgado Neto, 2013 p.185).

Morgado Neto (2013, p. 185) discorre sobre a relação que o então bispo e o arquiteto Landi, que provavelmente aconteceu em decorrência do período em que o bispo assumiu interinamente a administração do município, período em que Landi morou e atuou em Belém. Esta associação é reforçada através da tese da historiadora Elna Trindade, no qual diz que “*A relação que Morgado estabelece entre a Casa Rosada e o Bispo é provável. Além do mais, considera-se o lugar estratégico de sua localização, com total acessibilidade para o rio, facilitando a saída e a chegada dos visitantes.*” (2017, p. 216).

Moema Alves também pesquisou e realizou a cadeia dominial⁷. Inclusive junto ao cartório no qual o sobrado está registrado e com a busca de arquivos no Centro de Memória da Amazônia (CMA) conseguiu identificar Vicente Antônio de Miranda (identificado como comerciante no documento), proprietário mais antigo em 1846 através do seu testamento, onde registra e declara o sobrado como propriedade, sendo

⁷ Segundo Silva (2022), Cadeia Dominial é “A cadeia dominial é o conjunto dos registros cartoriais sucessivos de um imóvel até sua origem, e tem como principal objetivo a verificação da autenticidade e da legitimidade de seu domínio.

repassado por herdeiros descendentes da família até 1943, quando o imóvel foi vendido para os donos da Fábrica Bitar e posteriormente para a ALUBAR, a atual proprietária do imóvel (Alves, 2008).

Além disto, podemos perceber também que nenhum nome presente na cadeia dominial e nos arquivos do CMA levantados por Alves (2008) possui as iniciais presentes no monograma da casa, o que indica que possivelmente a estrutura da fachada da casa já possuía sua atual condição desde antes de 1846 ou que a inclusão do monograma poderia ter sido feita por um locatário. Por outro lado, no “*Almanak Paraense de Administração, comércio, indústria e estatística para o anno de 1883*” (Azevedo & Baratta, 1883) temos o registro das despesas provinciais entre o ano de 1882 a 1883 onde é mencionado no artigo 16 – Diversas Despesas:

§3.º Com as desapropriações dos prédios ns. À rua do Norte esquina do becco da Sé, do casal do falecido José M. da Silva e Cunha e do visconde de Santos Elias no mesmo beco com a respectiva ponte. Demolidos os prédios desapropriados, o material deles será aproveitado no nivelamento do becco que deverá ser preparado para embarque e desembarque. (Azevedo & Baratta, 1883, p. 311).

Apesar da informação não ser precisa, as iniciais de José Cunha coincidem com o monograma da Casa Rosada em ordem diferente das apresentadas pelos autores anteriores, o que antes seria MJSC, poderia ser JMSC. Levando em consideração que em 1874 a Câmara Municipal supostamente já estaria funcionando na rua do Norte (figura 5), possivelmente José Cunha poderia ter sido um dos moradores do edifício antes dele ser repassado para funções públicas.

Entre os usos da casa, entendemos que o sobrado não foi somente residencial. Como mencionado por Alves (2008, p. 25), pela arquitetura da casa, o andar térreo poderia ter sido utilizado como comércio ou depósito, fato que pode ser corroborado pelo jornal *Diário do Commercio: Jornal Commercial, Político e Noticioso* de 7 de fevereiro de 1859, onde aparecem o filho de Vicente Miranda, Antônio José de Miranda, e seus irmãos como donos de 2 propriedades na rua do Norte, de número 1 e 3, podendo estar relacionado ao sobrado ou outras residências da família. Ao sobrado da Casa Rosada também são atribuídas duas funções públicas não comprovadas. A primeira é que, em determinado período (indefinido) foi utilizada como Câmara Municipal. Esta atribuição é sugerida por Eugênio Leitão de Brito⁸ em seu livro *Minhas Memórias da Cidade Velha*, no trecho em que se refere ao sobrado: “*Aquilo que foi feito com o “Palácio Velho” merecia que se fizesse no prédio da Rua Siqueira Mendes esquina com a Travessa Feliz Roque (antiga Vigia), pois foi ali que teria funcionado a primeira Câmara Municipal de Belém, segundo usa a tradição*” (1997, p. 86). Além do livro, também é possível encontrar esta referência no processo de tombamento do IPHAN sob o nº01458.002987/2010-71. O segundo uso, como Residência dos Governadores, é registrado em documentos do Departamento de Patrimônio Histórico (DPH) do município de Belém sobre a Casa Rosada: “*conta ter sido utilizado como Residência e Senado da Câmara em diversas oportunidades aquela bela edificação colonial fixada na esquina da referida travessa com a rua Siqueira Mendes, antiga “Rua do Norte”* (Alves, 2008, p. 44). Porém o documento em questão não possui referência e nem autoria, tornando impossível comprovar a atribuição.

Até então, Alves (2008), consultando documentos do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa, teve acesso a documentos que em 1734 informam o desejo de D. João V de retirar o pelourinho, a casa da Câmara

⁸ Português que se estabeleceu aos 13 anos de idade em Belém, sendo posteriormente colaborador dos jornais *Folha do Norte* e *O Liberal* (Brito, 1997, p. 9).

Municipal e a Cadeia do centro da cidade, neste caso, do Largo da Sé. Em 1734, há uma carta do irmão do Marquês de Pombal informando que as autoridades locais deixaram o prédio da Câmara e se instalaram em residências particulares alugadas, e que em 1759 o governador Manuel Bernardo de Mello e Castro solicita ao arquiteto Antônio Landi fazer vistoria na casa em que estava vivendo, pois se encontrava em ruínas. A mesma ainda menciona que Ernesto Cruz, em seu livro História do Pará, menciona que a casa dos governadores foi movida para o lado ocidental do Largo da Sé ou da Rua do Norte.

Nos resultados obtidos em jornais, foi identificado em 18 de maio de 1874, no jornal “*O Santo Officio*”, é mencionado que uma casa na rua do Norte servia de Câmara do Senado, em uma coluna nomeada como “*Officios*” onde, em fala direcionada ao presidente da Província, o jornal solicita que se dê atenção às atividades da Câmara Municipal, a fim de conseguir melhorias públicas da cidade, mencionando um sobrado na rua do Norte como referência. Na edição de 6 de julho de 1874, outra coluna chamada “*Secção Geral*” fala sobre resolução de crimes e conflitos, onde próximo à Câmara Municipal, na rua do Norte, foi feita uma construção inapropriada (Figura 4).

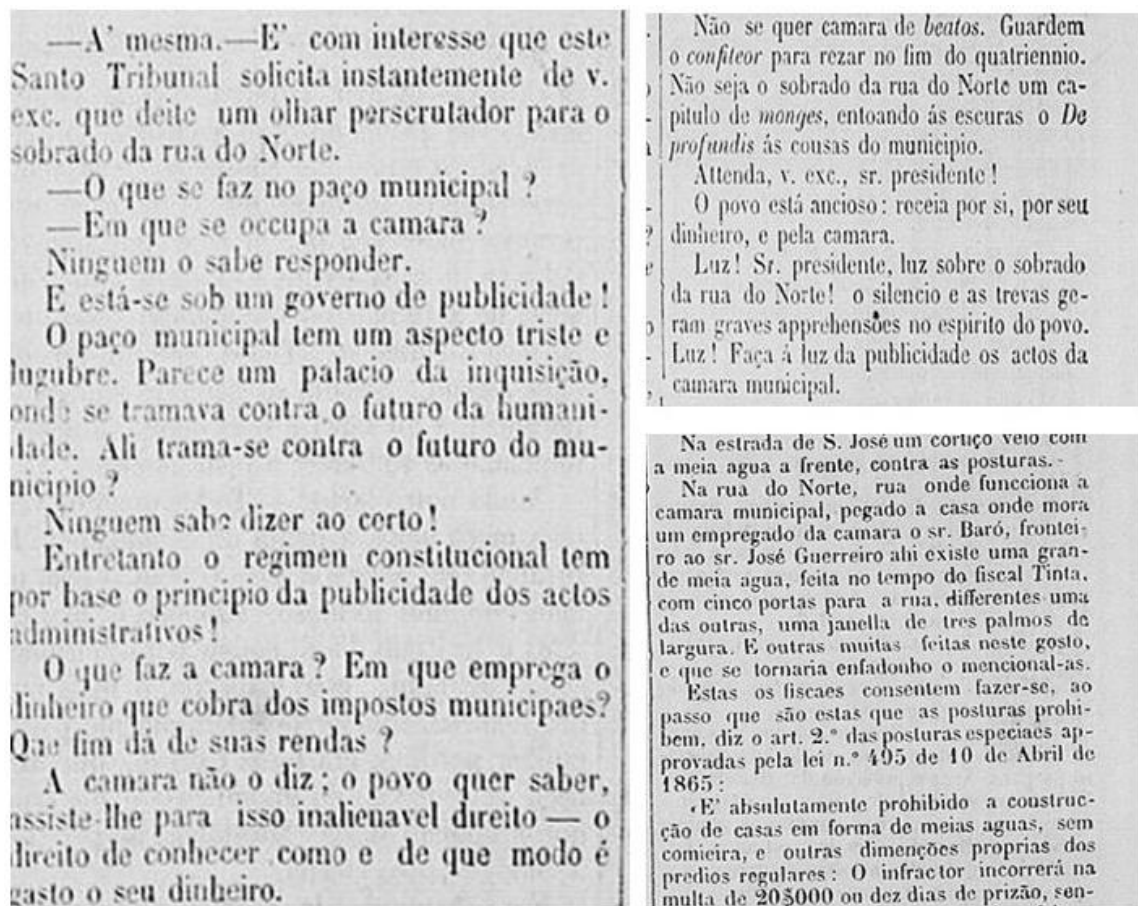


Figura 4. Referências da Câmara Municipal na Casa Rosada. Fonte: jornal *O Santo Officio* (1874).

Neste contexto, outras pistas surgem no jornal “*Estrella Dalva: Orgão da Sociedade Literária*” de 18 de abril de 1880 e no “*Almanak Paraense*” de 1883 novamente. O primeiro jornal menciona o endereço do seu escritório, indicando que é na “Rua do Norte, casa n. 18, em frente à Câmara”. O segundo registra que durante o quadriênio de 1883 a 1886 a Câmara Municipal ainda estaria funcionando no endereço na rua do Norte, número

15. Podemos supor que a Câmara Municipal pode ter funcionado na rua do Norte pelo menos entre os anos de 1874 a 1886. Ressaltamos aqui que os números da Casa Rosada podem ter se modificado ao decorrer do tempo, conforme demonstram os registros da Cadeia Dominial. Assim, é possível inferir que, ao longo de sua história, principalmente antes de 1846, devido aos seus possíveis diferentes donos, usos e redimensionamento, pode ter adquirido os outros números aqui citados.

O Arquiteto Morgado Neto, em sua monografia de pós-graduação, trabalhou o termo de referência do projeto de restauro e reabilitação da Casa Rosada (no contexto parceria ALUBAR/FORUM LANDI/UFGA). Ele observa que há pelo menos duas ocasiões em que é possível inferir o dimensionamento e redimensionamento da casa durante o século XVIII apontadas a partir dos mapas da planta da cidade confeccionados respectivamente nos anos 1743 e 1791. Atualmente a casa se encontra em outra disposição, tendo a parte do que seria o pátio/quintal aberto no século XVIII, sendo acoplada a construção (Figura 5) (Morgado Neto, 2008). A observação de remodelagem e redimensionamento é comprovada na etapa de vistoria e revitalização na qual Morgado Neto registrou o vão de porta fechada na parede da construção vizinha:

Acrescentam-se a isto mais alguns fatos: 1) encontra-se no pavimento térreo (ambiente 3, apêndice I), visivelmente a indicação de um vão fechado (VP1D), na mesma parede limítrofe (Figura 25); 2) em visita realizada a edificação vizinha observou-se a existência de vãos de portas-janelas na direção do quintal da casa Rosada, fechadas com alvenaria provavelmente de tijolo cerâmico; 3) as características morfológicas das fachadas sugerem que os dois sobrados poderiam formar um conjunto onde se observa a continuidade da linha de cumeeira e da linha de cornija, e o mesmo ritmo de cheios e vazios no andar superior, havendo a coincidência do nível das sacadas. (Morgado Neto, 2008, p. 64).



Figura 5. 1. Mapa de João André Schwebel de 1753⁹; 2. Plano geral da cidade do Pará de Teodósio Constantino de Chermont de 1791¹⁰; 3. Atual planta da Casa Rosada e em Roxo área da construção ao lado que pertenceu a casa rosada. Fonte: Morgado Neto (2008, p. 64).

Concomitante à pesquisa de Morgado Neto (2008) e de Alves (2008), foi realizada uma pesquisa de prospecção arqueológica na Casa Rosada sob responsabilidade do Arqueólogo do Museu Goeldi Fernando Marques, sendo a única intervenção arqueológica realizada no sobrado¹¹. Para a realização de prospecção

⁹ Disponível em: <<https://bdilb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/17244>>. [cons. 17 set. 2024].

¹⁰ Disponível em: <<https://bdilb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/19315>>. [cons. 17 set. 2024].

¹¹ Os trabalhos realizados por Morgado Neto (2008) e Alves (2008) “atende a uma demanda do Curso de Especialização em Interpretação, Conservação e Revitalização do Patrimônio Artístico de Antônio Landi, organizado pelo Fórum Landi, em conjunto com a Universidade de Florença. A Casa Rosada é alvo de pesquisa de três dos alunos do referido curso que desenvolverão estudos dos pontos de vista histórico, arquitetônico e geológico, como temas de seus trabalhos

arqueológica, foi prevista a “*execução de cortes estratigráficos, com cerca de 1m², em setores a serem definidos a partir de uma análise preliminar, a serem escavados em níveis artificiais de 10 em 10cm, e peneirados em malha de 5mm de espessura, com eventual coleta de materiais*” (Marques, 2008, p. 8). A intervenção resultou em 10 cortes estratigráficos que variam entre medidas de 0,50m x 100m a 0,50m x 2,00m, com profundidade variando entre 7cm e 1,60m (Marques, 2008).

Entre algumas conclusões descritas no relatório, foram identificadas camadas de pisos diferenciados em posições de assentamento (ortogonais e diagonais às paredes) além de camadas de pedra aparelhada que foi relacionada com um possível piso mais antigo. Foram identificadas também algumas técnicas construtivas nas fundações das paredes de alguns setores. Por fim, em determinadas sondagens foi possível a evidencição de diferentes camadas de solo com variação de texturas e cores entre os estratos até alcançar tonalidade escura de Terra Preta Arqueológica, conforme Marques (2008), o que seria resultante de ocupação antrópica anterior a casa¹²:

Como este tipo de solo é bastante similar ao encontrado na área do Forte do Presépio de Largo da Sé, possivelmente este nível corresponde à época da chegada do europeu, no início do século XVII. Corroborando esta hipótese, ressalta-se que a área do quintal foi o local com maior frequência de material associado à cultura indígena regional. (Marques, 2008, p. 50).

A Casa Rosada é um sobrado que resiste ao tempo, que marca sua presença há pelo menos quatro séculos no mapa da cidade e que chama a atenção por sua localização na primeira rua da cidade de Belém. Certamente não é um prédio que passou despercebido durante os anos. Embora a discussão sobre o primeiro proprietário da Casa Rosada seja importante, é indispensável pensarmos sobre a sua permanência: sua continuidade no tempo persiste por ser um edifício cujo proprietário inicial foi de alguma importância no contexto social à sua construção?

Segundo Daniel Miller (2013), nos estudos de cultura material, há de se levar em consideração as relações de poder e ideologia, bem como as agências das casas sobre as pessoas. Segundo o autor, a arquitetura e a forma como a casa é construída e disposta no ambiente pode ser indicativo das relações estruturais de poder e hierarquia nas sociedades, além disto, casas antigas tendem a ter agência a partir da memória que elas evocam, no momento em que há uma relutância em remodelá-las.

Como observamos na Figura 1, já havia casas dispostas onde supostamente estaria a Casa Rosada, no século XVII. Uma evidência seria o piso de pau-a-pique identificado por Marques (2008, p. 13), um tipo de estrutura muito persistente no período colonial. Em seguida, a casa vai sofrendo uma série de transformações e adaptações até o século XVIII. Há evidências de que essa casa se tornara um armazém, um tipo de comércio muito comum na Belém lusitana, algo que também pode ser percebido pela estratigrafia das escavações, com

de conclusão” (Marques, 2008, p.3), embora Marques tenha citado o planejamento de realizar três trabalhos, o terceiro que seria o estudo geológico nunca foi citado ou encontrado em outros trabalhos e arquivos.

¹² Não fica clara a presença de Terra Preta Antropogênica.

as primeiras estruturas de piso em pedras e argamassa. Por fim, a casa assume a sua forma atual, ligada a famílias abastadas e, em seguida, a empresas.

Talvez, conforme a compreensão de Miller, o que faz a Casa Rosada persistir ao longo do tempo é a sua característica histórica. Contudo, os pisos e objetos identificados nas escavações nos permitem inferir que as relações de poder também estão impressas nesse lugar que um dia foi uma área de moradia indígena, em seguida foi uma casa simples, e que ao longo do tempo foi se adaptando conforme as relações sociais de Belém foram se modificando junto com a paisagem.

A arqueologia social urbana se diferencia de outras abordagens arqueológicas por seu foco nas questões sociais e na maneira como o espaço urbano reflete e influencia as relações sociais. Ao contrário de uma abordagem mais tradicional, que pode se concentrar em monumentos ou artefatos de elites, a arqueologia social urbana está interessada em como os espaços urbanos são vividos e transformados por diferentes classes e pelos próprios artefatos em si, como as casas, as paisagens e vários outros. Às vezes se pensa que a preservação de um bem específico se dá pelo fato de ter pertencido a alguém importante mas, pode ser simplesmente o próprio bem material que tem uma história própria, independente das pessoas que passaram por ali; aquele artefato se fez ser patrimonializado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, buscamos investigar como o Sobrado da Casa Rosada perdurou ao longo do tempo. Apesar dos dados escassos anteriores a 1846, observamos que no decurso de seu desenvolvimento, a cidade de Belém foi desenhada e redesenhada ao longo do tempo. A princípio, o mapa da Figura 1 evidencia um padrão ordenado de pequenas casas que compunham Belém em 1640. Dado o período, é possível que essas primeiras moradias fossem feitas de taipa e pilão, forma muito comum de construção civil no Brasil colonial. As populações indígenas até então foram massacradas, expulsas ou absorvidas como mão de obra escrava.

O que se percebe é que desde a administração de Marquês de Pombal nos idos do século XVIII, se busca um reordenamento da cidade, investindo em novos objetivos para o centro urbano. Prevaecem lojas e armazéns, além da busca e construção de prédios adequados à administração pública. A maior parte das residências da rua do Norte até hoje permanecem no seu formato de sobrado, abandonados ou relegados a grandes empresas ou administração pública.

Apesar dos novos levantamentos, as documentações históricas ainda permanecem imprecisas; todavia, ainda nos mostram um pouco da história da casa e consequentemente da cidade. A Casa Rosada foi primeiramente uma residência composta de armazéns, como a maioria das outras na mesma localidade, que sofreu diversas modificações ao longo do tempo. Assim, há uma grande chance de ter sido alugada pela família Miranda para outras pessoas e nesse caso, até mesmo para a província como casa da Câmara. Por fim, seus descendentes a vendem para a família Bitar e depois para ALUBAR, demonstrando que apesar do bairro Cidade Velha não ser mais o centro de Belém, ainda perdura um certo tradicionalismo familiar na cidade, fruto de uma elite do passado colonial.

Os estudos feitos por Morgado Neto (2008) e a pesquisa arqueológica feita por Fernando Marques (2008) corroboram tanto as mudanças feitas na edificação, quanto as ocupações ao longo do tempo. O fato de haver indícios de terra preta com presença de cerâmica pré-colonial, a presença de cerâmica torneada e, por fim, as louças denotam respectivamente o desaparecimento do indígena e a ascensão de uma elite colonial portuguesa.

Este material ainda não tem estudo mas, por ora, consta como uma fonte de dados crucial. Por isso, a arqueologia urbana neste contexto é tão importante para a contribuição além das fontes históricas.

Assim, podemos compreender que a Casa Rosada, para além de uma residência, carrega em suas estruturas a configuração de um espaço social (Lefebvre, 1974) que, uma vez produzido e conservado por ações humanas, influenciou não somente a sociedade, mas também a configuração do paisagem (Criado-Boado, 2016), uma vez que ela muda de uma construção simples de taipa e pilão para um edifício imponente e com influências arquitetônicas, torna-se um lugar (Certeau, 1998), um ponto central de coexistência de diferentes tempos e histórias pela qual a Rua do Norte passou ao longo do tempo.

A relação entre patrimônio e cidade é de mão dupla: em um sentido, o patrimônio pode construir cidade fornecendo uma base sólida de identidade e memória coletiva. Em outro sentido, a cidade constrói e reconstrói seu patrimônio a cada dia, se tornando uma tapeçaria de uma coleção diversa de sociedade, arte e cultura. Apesar da casa ter passado por processos de mudanças, a permanência da sua arquitetura do final do séc. XIX até os dias atuais implica no passado elitista presente na nossa sociedade, refletindo como a sua arquitetura se impõe com a sua característica histórica, e como política e poder influenciam a nossa sociedade. Essa interação ativa entre o passado e o presente é vital para a criação de cidades vibrantes e sustentáveis; cidades onde o patrimônio não é apenas um monumento, mas uma relíquia fóssil que encontrou um lugar no meio de um século e uma civilização em que muitas vezes parece deslocado ou estranho.

REFERÊNCIAS

- Alves, M. (2008). *Casa Rosada de Belém: Os caminhos de um patrimônio*. Monografia (Especialização). Universidade Federal do Pará, Fórum Landi, Interpretação, Conservação e Revitalização do Patrimônio Artístico de Antônio José Landi, Belém.
- Azevedo, B. P., & Baratta, M. A. L. (1883). *Almanak Paraense de Administração, comércio, indústria e estatística para o ano de 1883*. Pará: Secretaria de Governo.
- Berredo, B. P. de (198-). *Anais históricos do Estado do Maranhão em que se dá notícia do seu descobrimento, e tudo o mais que nele tem sucedido desde o ano em que foi descoberto até o de 1718*. Rio de Janeiro: Alumar.
- Bomfim, M. R. dos S. (2006). *Belém, 1616: o retorno do Éden*. Belém: Paka-Tatu.
- Brito, E. L. de (1997). *Minhas Memórias da Cidade Velha*. Belém: Stº Antônio.
- Certeau, M. (1998). *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Chermont, T. C. (1791). Plano Geral da Cidade do Pará. Disponível em: <<https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/19315>>. [cons. 17 set. 2024].
- Coelho, M. C. (2014). *A fundação de Belém*. Belém: Editora Estudos Amazônicos.
- Criado-Boado, F. C. (2016). Ya no somos el paisaje que fuimos: continuidad, tradición y destrucción del paisaje. Em Somoza Medina, M. (coord.). *Paisajes habitados. Talleres de exploración y representación del territorio* (pp. 31-36). Ourense: Colectivo Re.
- Cruz, E. (2013). *Ruas de Belém*. Belém: Editora CEJUP.
- Diário do Commercio: Jornal Commercial, Politico e Noticioso (1859). Anno V., n. 29. 7 de fevereiro de 1859. Pará.
- Estrella D'Alva (1880). Anno 1.º, n. 4. 18 de abril de 1880. Pará.

- Ferreira, C. T. da S. (1977) *História Geral do Pará: Primeira Época, 1616-1823*. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará.
- Halbwachs, M. (1968 (1950). *La mémoire collective*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Heriarte, M. (1662). *Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e rio das Amazonas*. Vienna D'ustria.
- IPHAN (1995). *Processo nº01458.002987/2010-71*. Disponível em: <https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_exibir.php?iI3OtHvPARiTY997V09rhsSkbDKbaYSycOHqqF2xsM0laDkkEyJpus7kCPb+35VNEAb16AAxmJKUdrsNWVIqQ41Q_nzpsR0toWHOqxdcJHJvy2wLyedyJsbOOiTEvMab>. [cons. 11 jul. 2024].
- Lefebvre, H. (2000). *A produção do espaço*. Cambridge: MIT Pres.
- Lynch, K. A. (1960). *The image of the city*. Cambridge: The M.I.T. Press.
- Marques, F. L. T. (2008). Relatório de prospecção da Casa Rosada. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.
- Meira Filho, A. (2015). *Evolução histórica de Belém do Grão-Pará. Fundação e história 1616-1823*. Belém: Arquitetura e Engenharia.
- Mello, P. F. (2002). Belém do Pará: origem e consolidação de uma metrópole da Amazônia. *Revista Brasileira de História*, 22(43), 15-40.
- Mendonça, I. M. G. (2003). *Antônio José Landi (1713 – 1791): um artista entre dois continentes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian & Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Miller, D. (2013). Casas: a teoria da acomodação. Em *Treco, Troços e Coisas. Estudos antropológicos sobre a cultura material* (pp. 119-165). São Paulo: Editora Zahar.
- Morgado Neto, J. M. (2008). *Termo de referência e Estudo de Reabilitação da “Casa Rosada”*. Monografia (Especialização). Universidade Federal do Pará, Fórum Landi, Interpretação, Conservação e Revitalização do Patrimônio Artístico de Antônio José Landi, Belém.
- Morgado Neto, J. M. (2013). *Casas nobres em Belém do Pará – Segunda metade do século XVIII e início do século XIX*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Belém.
- O Santo Offício. Ano IV. – Pará (Brasil) 1874, n. 20. 18 de maio de 1874.
- O Santo Offício. Ano IV. – Pará (Brasil) 1874, n. 60. 06 de julho de 1874.
- Saragoça, L. (2000). *Da Feliz Lusitânia aos Confins da Amazônia (1615-62)*. Lisboa, Santarém: Edições Cosmos, Câmara Municipal de Santarém.
- Schwebel, J. A. (1753). Planta geométrica da cidade de Belém do Gram Pará. Disponível em: <<https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/17244>>. [cons. 17 set.2024].
- Silva, E. J. R. (2022). Terra, Estado e reforma agrária: ilegitimidade da cadeia dominial do imóvel destinado ao Assentamento Mosquito (Goiás-GO). Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Agronegócio, Goiânia.
- Silveira, F. L. A. da (2018). Giuseppe Antonio Landi: das táticas aventureiras na Amazônia Pombalina à renovação do barroco na Santa Maria de Belém do Grão-Pará. *Novos Cadernos NAEA*, 21(2), 93-114. DOI: 10.5801/ncn.v21i1.5687.
- Trindade, E. M. A. (2017). *O Desenhador de Belém: Antônio José Landi e o movimento das imagens na Amazônia Colonial (1753-1791)*. Dissertação (Doutorado). Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém.
- Valente, J. (1993). *A história nas Ruas de Belém: Cidade Velha*. Belém: Editora CEJUP.